

A domesticação do Pequi e Abacate por povos indígenas como mecanismo de conservação de espécies vegetais após extinção dos dispersores da Megafauna

Dayana Ellen Miranda Dias^{1,3}, Elvis Carlos da Silva^{1,3,4}, Gisele Aparecida dos Santos Neves^{1,3}, William Claudio Vaz Novaes¹, Karine Carvalho², Raymundo Sá-Neto²

A dispersão de sementes é um passo crítico para o ciclo biológico das plantas e também um processo chave para a manutenção da biodiversidade de florestas tropicais. Na América Latina há diversos frutos anacrônicos caracterizados por serem frutos órfãos dos dispersores primários pertencentes à megafauna extinta. Após a extinção desses mamíferos, iniciou-se um processo de domesticação desses frutos pelos seres humanos, como caju (*Anacardium occidentale*), mamão (*Carica papaya*), jenipapo (*Genipa americana*) e também o abacate (*Persea americana*) e o pequi (*Caryocar brasiliensis*). Com isso, este estudo busca compreender qual é a relação da permanência dessas espécies vegetais com os indígenas. Assim, o objetivo deste estudo é realizar uma revisão bibliográfica da história das relações ecológicas dos frutos de Pequi e Abacate desde a megafauna no período do Pleistoceno até a domesticação pelos povos indígenas e a importância destes frutos para esses grupos étnicos. Com base em uma revisão bibliográfica através do Google Acadêmico, tendo como critério buscas realizadas mediante palavras-chave, selecionando apenas os artigos que tinham interesse em discutir a domesticação de frutos que eram, primariamente, dispersados pela megafauna extinta. As duas espécies deste estudo produzem frutos ricos em óleo e a hipótese mais provável é que algumas espécies da megafauna (e.g., preguiças gigantes e mastodontes) atuavam como dispersores das sementes dessas espécies tendo em vista que estas sementes teriam que ser ingeridas sem danificá-las até serem dispersadas no ambiente longe da planta-mãe. A domesticação dessas espécies, para consumo dos frutos teve início entre nove e 10 mil anos atrás, realizada pelos povos ameríndios, cada espécie em uma determinada área de ocorrência. O abacate, originário da América Central era cultivado pelos Maias antes mesmo das conquistas espanholas. Já o pequi, nativo do cerrado brasileiro é cultivado por povos dessa região como os Kuikuro, uma etnia dos povos de língua Caribe do Alto Xingu. Estando ambas as espécies presentes nos mitos e lendas das etnias que as cultivavam. Atualmente, o abacate é um fruto consumido em diversos países e com uma produção a nível global, enquanto o pequi, restrito à região central do Brasil, ainda é uma espécie pouco explorado comercialmente, sendo utilizada principalmente na indústria farmacêutica pelas suas sementes e pelos frutos na alimentação para os habitantes do Brasil central. Portanto, a domesticação desses frutos, permitiu a conservação dessas espécies, sem risco de extinção, até os dias atuais.

1 Programa de Pós-graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* Jequié, BA, Brasil, e-mail day.ellen3@hotmail.com.

Elvis.carlos447@gmail.com, ginevesmusic@gmail.com e william.vaz.novaes@gmail.com.

2 Departamento de Ciências Naturais DCN-UESB, e-mail rjsaneto@uesb.edu.br.

3 Laboratório de Ecologia e Geociências do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia, *Campus* Anísio Teixeira (IMS/ UFBA-CAT).

4 Laboratório de Geociências II da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia *Campus* Jequié (LABGEOC/UESB).